

A RELÍQUIA (EÇA DE QUEIRÓS): ANTICLERICALISMO E (ANTI) RELIGIOSIDADE PARA ALÉM DA PAIXÃO DE CRISTO

(EÇA DE QUEIRÓS) A RELÍQUIA: ANTICLERICALISM AND (ANTI)RELIGIOSITY ABOVE CHRIST PASSION

Antonio Augusto Nery*

Resumo: Na obra *Portugueses Somos* (s.d), Joel Serrão (1919-2008) afirma que, embora não se configure como tema principal, o anticlericalismo será para toda a Geração de 70 a forma de renegar anos de atraso e de purgar a culpa que a Igreja Católica teria por ser uma das responsáveis pela situação de decadência e marasmo que Portugal vivenciava no contexto do século XIX. Porém, quando volvemos a atenção especificamente para a obra de Eça de Queirós, um dos mais proeminentes participantes da Geração de 70, notamos que o discurso literário do autor não propaga somente uma simples crítica ao clero, mas pressupostos que vão desde a relativização de valores caros ao Cristianismo até a questionamentos lançados ao caráter transcendente da Religião. No intuito de comprovar tal proposição, vorei meu olhar neste trabalho para *A relíquia*, narrativa publicada por Eça de Queirós em 1887, cuja temática religiosa está presente na totalidade da obra, principalmente no terceiro capítulo, quando o narrador/protagonista, Teodorico Raposo, sonha com os últimos momentos de Cristo, realizando longo diálogo paródico com os Evangelhos canônicos. Entretanto, nesta leitura não me deterei sobre as características desse interessante capítulo e sim na averiguação das cenas de *A relíquia* que o antecedem e o sucedem, buscando confirmar que a crítica veiculada por Eça de Queirós, não somente na narração do extenso sonho, mas em todos os outros capítulos da ficção, aponta para elementos complexos relacionados a uma (anti) religiosidade que ultrapassa o mero anticlericalismo. Palavras-chave: Eça de Queirós. *A relíquia*. Anticlericalismo. (Anti) religiosidade.

Abstract: In the critical work *Portugueses Somos*, Joel Serrão (1919-2008) states that, although the anticlericalism does not configure as its main theme , it will be for the entire 70's Generation the way to deny years of delay and to purge the blame that the Catholic Church would bear for being held responsible for the situation of decadence and stagnation Portugal was experiencing in the nineteenth century context. However, when we turn our attention specifically to the work of Eça de Queirós, one of the most prominent participants of the 70's Generation, we realize that the author's literary discourse not only spreads a mere critique of the clergy, but also assumptions ranging from the relativization of values costly to Christianity to questionings thrown into the Religion transcendent nature. In order to prove such assumption, in this work a glance will be taken towards *A Relíquia*, a narrative published by Eça de Queirós in 1887, whose religious theme is present throughout the work, especially in the third chapter, when the narrator/protagonist, Teodorico Raposo, dreams with the last moments of

* Doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: gutonery@hotmail.com

Christ, having long parodic dialogue with the canonical Gospels. Nevertheless, on this reading I will not dwell on the features of this interesting chapter, but rather in the scene examinations of *A Relíquia* which precedes and succeeds it, trying to confirm that the criticism conveyed by Eça de Queirós, not only in the narration of the extended dream but also in all the other chapters of the novel, points towards complex elements related to a (anti) religiousness which exceeds a mere anticlericalism.

Keywords: Eça de Queirós. *A Relíquia*. Anticlericalism. (Anti) religiousness.

Antero de Quental (1842-1891) em sua conferência “Causas da decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos”, apresentada no Casino Lisbonense em 27 de maio de 1871, sintetizou os propósitos daquela que viria a ser conhecida como a “Geração de 70” de Portugal. Formada por um grupo de intelectuais, entre os quais, Eça de Queirós (1845-1900), Oliveira Martins (1845-1894), Ramalho Ortigão (1836-1915) e o próprio Antero, a Geração de 70 tinha como um dos principais objetivos a pretensão de criticar a realidade portuguesa que, para eles, era considerada decadente em vários aspectos, se comparada com a realidade de outros países europeus no contexto do século XIX.

Na referida conferência, Antero propõe o Catolicismo difundido após o Concílio de Trento (1545-1563), a monarquia absolutista e as conquistas ultramarinas como os três principais motivos causadores da decadência moral, econômica e social das nações ibéricas; responsáveis pelo atraso do desenvolvimento da indústria e da ciência na península, a partir do século XVII.

Com relação especificamente ao Catolicismo, nota-se a clara intenção de Antero em deflagrar o atraso imposto pela tradição doutrinária e pela participação histórica da Igreja Católica na formação da nacionalidade portuguesa, além do intuito em defender a separação entre crença religiosa e Instituição religiosa. Em suas palavras:

É necessário, com effeito, estabelecermos cuidadosamente uma rigorosa distincção entre *cristianismo* e *catolicismo*, sem o que nada compreenderemos das evoluções historicas da religião cristã. (...) É que realmente o cristianismo existiu e póde existir fóra do catolicismo. O cristianismo é sobretudo um sentimento: o catolicismo é sobretudo uma *instituição*. Um vive da fé e da inspiração: o outro do dogma e da disciplina. Toda a historia religiosa, até ao meado do século 16º, não é mais do que a transformação do *sentimento cristão* na *instituição católica*. A Idade-Media é o periodo da transição: ha ainda um, e o outro aparece já. Equilibram-se. A unidade vê-se, faz-se sentir, mas não chega ainda a suffocar a vida local e autonómica. (QUENTAL, 1942, p. 112-113, itálicos do autor)

Dessa forma, se por um lado percebemos no discurso de Antero inúmeras apologias críticas e negativas com relação à Instituição religiosa, aos religiosos, e suas atuações na sociedade, por outro lado, interpondo-se ao discurso crítico ferino, tem-se a postura que se queria ilustrar como desejável, o modelo de religiosidade que se almejava, que era, de certa maneira, tolerável aos projetos revolucionários. São as práticas religiosas populares que Antero denomina ao longo de suas reflexões de “Igreja Nacionais”. Segundo ele, nos primórdios das nações peninsulares, o povo ao invés de aceitar a religião, a fazia. E tanto o povo quanto muitos clérigos possuíam um posicionamento religioso particular que contrariava imposições vindas de Roma, uma espécie de autonomia em praticar e compreender a religião, que não dependia de determinações e influências institucionais:

As [Igrejas Nacionais] da Península, como todas as outras, tiveram, durante a Idade-Media, liberdades e iniciativas, concílios nacionais, disciplina própria, e uma maneira sua de sentir e praticar a religião. D’aqui, dois grandes resultados, fecundos em consequências benéficas. O dogma, em vez de ser *imposto*, era *aceito*, e, n’um certo sentido, criado: ora, quando a base da moral é o dogma, só pode haver boa moral deduzindo-a d’um dogma aceito, e até certo ponto criado, e nunca imposto. Primeira consequência, de incalculável alcance. O sentimento do dever, em vez de ser contradito pela religião, apoiava-se n’ella. Daqui a força dos caracteres, a elevação dos costumes. Em segundo lugar, essas Igrejas nacionais, por isso mesmo que eram independentes, não precisavam oprimir. Eram tolerantes. À sombra delas, muito na sombra é verdade, mas tolerados em todo o caso, viviam Judeus e Moiros, raças inteligentes, industriais, a quem a indústria e o pensamento peninsulares tanto deveram, e cuja expulsão tem quase as proporções d’uma calamidade nacional. Segunda consequência, de não menor alcance do que a primeira. Se a Península não era então tão católica como o foi depois, quando queimava os judeus e recebia do geral dos Jesuítas o santo e a senha da sua política, era seguramente muito mais cristã, isto é, mais caridosa e moral, como estes factos o provam. (QUENTAL, 1942, p. 113-114, *itálicos do autor*)

Essas particularidades, esse jeito próprio de fazer a religião, inerente à religiosidade popular, são enaltecidos por Antero, tanto que o autor dedica alentadas linhas a criticar o Concílio de Trento, reação Católica à Reforma Protestante, que teria instituído não somente a Inquisição, mas inúmeros dogmas, regras, determinações inerentes à doutrina sistemática e à institucionalização, ações essas que afrontaram a independência, a tolerância, a caridade cristã autêntica e a vida fraterna, características próprias das “Igrejas Nacionais”, segundo ele.

Retomo inicialmente esses pressupostos do pensamento anterior antes de versar sobre o autor que me interessa neste trabalho, Eça de Queirós, porque muito dos princípios presentes nas “Causas da Decadência...”, inclusive os que se referem à Religião e a religiosidade, ressoaram, em maior ou menor grau, em diversas produções literárias ficcionais e não ficcionais de vários participantes da Geração de 70. São inúmeras as pesquisas que atestam isso, inclusive focando especificamente Eça de Queirós (Cf. BERRINI (2003), BUENO (2000), MÓNICA (2001), NERY (2005), QUADROS (1989)).

Assim, ponderando as pressuposições contidas no texto “Causas da Decadência...” acerca da Religião e tudo o mais que é correlato a ela, concordo com Joel Serrão (1919-2008), quando afirma em sua obra *Portugueses Somos* (s.d, p. 204) que, embora não se configure como o objetivo principal, o anticlericalismo será para toda a plêiade de 70 a forma de renegar anos de atraso e, através da negação da Igreja, uma forma de purgar a culpa da influente Instituição no marasmo do país. Porém, em meu ponto de vista, quando volvemos o olhar para Eça de Queirós, o discurso literário do autor não propaga somente uma mera crítica ao clero, mas pressupostos que vão além disso: apontam para a valorização de algumas práticas religiosas muito próximas daquelas descritas positivamente por Antero em suas referências às “Igrejas Nacionais”, além de engendrar reflexões concernentes ao caráter transcendente da religião.

É no intuito de comprovar tais hipóteses que volverei meu olhar para *A relíquia*, narrativa publicada por Eça em 1887. Embora tenha vindo a lume dezessete anos após as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, considero essa ficção como sendo ainda muito signatária dos pensamentos de Antero de Quental expressos nas “Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos” com relação à Religião, à religiosidade, e demais características da sociedade portuguesa, que a Geração de 70 pretendia questionar. Temos muito aparente nessa obra o desejo de Eça em realizar um “inquérito à vida portuguesa”, uma crítica ácida e ferina direcionada, especialmente, à questionável influência da Igreja na sociedade e às práticas e crenças religiosas consideradas nefastas para o povo. Além disso, pode-se constatar em *A relíquia* toda a intensidade da crise religiosa e da tendência anticlerical que predominou no Oitocentos e da qual a Geração de 70 foi difusora.

Já no contexto de publicação da obra houve certa celeuma por conta da temática anticlerical e antirreligiosa que predominava no enredo. O alarido partiu não somente dos meios eclesiásticos, mas também dos literários. É célebre a esse respeito a

correspondência trocada entre Eça de Queirós e Pinheiro Chagas (1842–1845), logo após *A relíquia* ter perdido o concurso de melhor livro do ano de 1887, prêmio concedido pela Real Academia das Ciências. Ao anunciar o ganhador da honraria, uma peça de teatro, Pinheiro Chagas reconheceu a importância de Eça no cenário das letras portuguesas, mas divulgou uma das críticas mais ferinas que *A relíquia* viria a receber e que se circunscreveu, juntamente com as outras análises que surgiriam posteriormente, na dificuldade em classificar a obra em um gênero narrativo específico: obra realista, fantasista, sátira, romance pícaro ou farsa*.

De fato, a obra, de antemão, não pode ser caracterizada como representante contumaz deste ou daquele gênero romanesco, muito menos facilmente ligada ao Realismo, escola literária a qual Eça de Queirós, já naqueles idos, era costumeiramente vinculado. Isso por conta da alternância entre a fantasia, o burlesco, o grandioso e o humor por vezes grosseiro que criam uma ambientação absurda em alguns trechos da narrativa. É, aliás, justamente por obras como *A relíquia* que o Realismo de Eça precisa ser bem caracterizado, pois é mais complexo do que sugerem as definições habituais desse estilo. Assim como Gustave Flaubert (1821-1880), ele soube em suas obras usar e abusar do humor, da ironia e da fantasia, não como atitudes opostas a um espírito objetivo, mas como outra forma possível de apreensão da realidade.

As críticas recebidas pela narrativa por conta da temática abordada, da incompreensão acerca de uma única classificação do gênero romanesco ao qual pertence, bem como, mais atualmente, do lugar ocupado por *A relíquia*[†] dentro da produção completa de Eça de Queirós, parecem ocorrer, preponderantemente, devido ao extenso terceiro capítulo do texto, no qual o protagonista/narrador Teodorico Raposo, ou Raposão, sonha com os últimos momentos de Cristo, tornando-se, como ele mesmo se autodenomina, “São Teodorico Evangelista” (AR, p.116). Tentando compreender as querelas interpretativas, dos mais variados aspectos, que se formaram em torno de *A relíquia*, leituras críticas mais atuais concordam que o famigerado terceiro capítulo é o “ponto comum” das controvérsias: Maria Tereza Carvalho (1995, p.19), em sua dissertação de mestrado, propõe que: “Os elementos, a duração e as situações que

* Ver: CARVALHO Maria Tereza. *Literatura e Religião: Três momentos de aproveitamento do Novo Testamento na literatura portuguesa*. Dissertação de Mestrado. IEL, UNICAMP, 1995, p. 18-23. A autora analisa esta questão de forma interessante. Por não ser o objetivo de meu trabalho, não enveredarei nas peculiaridades do gênero narrativo de *A relíquia*.

† Doravante AR nas referências de citações. Todas as citações foram retiradas do volume: QUEIRÓS, Eça de. *A relíquia*. Porto: Lello e Irmãos, 1976.

acontecem neste sonho diferem muito dos sonhos plausíveis que existem no realismo”, já Aparecida de Fátima Bueno (2000, p. 34), em sua tese de doutorado, explicita que:

(...) é interessante que as várias críticas que surgiram sobre *A relíquia* apontam para defeitos de sua composição, principalmente considerando inverossímil que um personagem como Teodorico pudesse ter o sonho que teve com a Paixão e a maneira como o descreveu em suas memórias.

Conforme aponta Bueno, a inverossimilhança que algumas leituras críticas viram no capítulo deveu-se à voz narrativa que relata os fatos. Quando abre o terceiro capítulo, o leitor já tem formada diante de si a imagem boêmia, devassa, hipócrita – e outros epítetos negativos mais – de Teodorico Raposo. Nesse capítulo específico presenciamos as aventuras que o protagonista/narrador vivencia na Terra Santa em busca de uma relíquia para sua Tia beata, Dona Patrocínio das Neves, com o único objetivo de herdar a fortuna da velha. Antes de chegar a Jerusalém, durante a pernoite que faz nas proximidades da cidade, Raposão tem um sonho e, no ambiente onírico, é transportado para a Jerusalém do século I. A narrativa então reconstrói os últimos momentos de Jesus, colocando dúvidas em relação à divindade de Cristo, contestando toda a tradição histórico/religiosa dos Evangelhos e demonstrando, sobretudo, certa banalidade pela face miraculosa da Bíblia, pois, todas as figuras retomadas pela ficção possuem características bastante humanas e extremamente contraditórias com relação aos seus homônimos bíblicos.

Para além de me deter sobre as controvérsias que acompanham *A relíquia* até nossos dias e sobre o interessante terceiro capítulo da ficção, eu gostaria no presente artigo de retomar a discussão que fiz preliminarmente em um trabalho anterior acerca das cenas da obra que antecedem e sucedem o famigerado sonho (NERY, 2005a), buscando agora aprofundar a análise e comprovar que a crítica veiculada por Eça de Queirós nesta ficção ultrapassa a mera crítica ao clero e aponta para elementos mais complexos, relacionados à religiosidade popular - ou “Igreja Nacionaes”, como denominou Antero de Quental -, além de deflagrar uma postura e/ou crença religiosa nefasta que se deveria rechaçar.

Para tanto focarei especialmente a atuação do protagonista/narrador Teodorico Raposo.

Por ser uma obra narrada em primeira pessoa, em tom memorialista, pode se perceber já nas primeiras linhas de *A relíquia* que estamos diante de um narrador/

protagonista que não poupa a si próprio de suas intervenções irônicas e sarcásticas. Na verdade, todas as ações descritas ao longo da história parecem ser reflexos dos relatos iniciais, nos quais Teodorico relata a infância, denigre a imagem de seus progenitores, ironiza suas origens e prefigura o caráter dessacralizador, herético e anticlerical que estará presente em todo o texto.

A confissão de que ele era neto de um padre surge logo na primeira frase das suas memórias, oportunamente a que retoma a linhagem familiar: “Meu avô foi o padre Rufino da Conceição, licenciado em Teologia, autor de uma devota *Vida de Santa Filomena*, e prior da Amendoeirinha (...)” (AR, p. 15). Com relatos como esses, nota-se que as lembranças da genealogia e da infância estão fortemente vinculadas a um ironizado imaginário católico. É assim que, logo após informar o falecimento tanto da mãe quanto do pai, temos Teodorico, criança e órfão, sendo levado para Lisboa, à casa da católica Tia Patrocínio, a parente mais próxima que ficara responsável por ele. O garoto e seu acompanhante, Matias, fazem parada em uma pensão onde uma linda senhora, “a inglesinha”, por descuido, esbarra em Teodorico. O episódio da trombada é suficiente para aguçar a imaginação libidinosa do protagonista e, concomitantemente, propiciar a veiculação de nova dessacralização, agora com relação às orações católicas. À noite, antes de adormecer, Teodorico reza e, ao relembrar o esbarrão da “inglesinha”, subverte a oração da Ave-Maria:

No meu leito de ferro, desperto pelo barulho das seges, eu pensava nela, rezando ave-marias. Nunca roçara corpo tão belo, dum perfume tão penetrante: ela era cheia de graça, o Senhor estava com ela, e passava, bendita entre as mulheres, com um rumor de sedas claras. (AR, p. 17)

Outra profanação como essa, em que se imprime uma conotação erótica aos símbolos considerados sagrados, encontra-se no momento em que o narrador, já adulto, imagina durante outra “oração” o Cristo de um crucifixo transformando-se em uma de suas principais amantes, Adélia:

Mas então o brilho fulvo do metal precioso ia, pouco a pouco, embaciando, tomava uma alva cor de carne, quente e tenra; a magreza de Messias triste, mostrando os ossos, arredondava-se em formas divinamente cheias e belas, por entre a coroa de espinhos, desenrolavam-se lascivos anéis de cabelos crespos e negros; no peito, sobre as duas chagas, levantavam-se, rijos, direitos, dois esplêndidos seios de mulher, com um botãozinho de rosa na ponta; - e era ela, a minha Adélia, que assim estava no alto da cruz, nua, soberba, risonha, vitoriosa, profanando o altar, com os braços abertos para

mim! Eu não via nisso uma tentação do demônio – antes me parecia uma graça do Senhor. Comecei mesmo a misturar aos textos das minhas rezas as queixas do meu amor (AR, p. 46).

Vale ressaltar que também já a partir do capítulo inicial de *A relíquia* se pode notar que embora construída com ironia, falácia e jocosidade, a narrativa é desenvolvida de forma muito sincera com relação ao reconhecimento da própria hipocrisia por parte do narrador/protagonista. Teodorico não se preocupa em esconder seu caráter hipócrita, falacioso e luxurioso. Na verdade, antes mesmo de principiar o primeiro capítulo, em uma pequena introdução ao texto, o leitor logo toma conhecimento que o relato das memórias a ser apresentado tinha como objetivo a justificação da conduta questionável do narrador aos olhos da sociedade burguesa. As rememorações foram motivadas sobretudo pelo fato de seu companheiro de viagem à Terra Santa, o cientista alemão Topsius, ter escrito um texto intitulado “JERUSALÉM PASSEADA E COMENTADA” sobre o período em que passaram juntos e em que fazia afirmações supostamente contraditórias sobre as crenças beatas de Raposo, fato que o poderia colocar em descrédito junto à burguesia liberal.

Dessa forma, logo após rememorar os acontecimentos relacionados à infância, de maneira muito espontânea temos Teodorico explicitando sua rotina boêmia durante a juventude, enquanto estudante na Universidade de Coimbra. Com um comportamento devasso, ele vive envolvido em brigas, arruaças e festas, conhecendo enfim, segundo suas palavras, “as fortes delícias da vida” (AR, p. 23). As orações e novenas praticadas na casa de D. Patrocínio durante toda a infância e adolescência são deixadas de lado, embora, nas cartas enviadas à Titi, a rotina carola seja relatada copiosamente.

Nessas páginas iniciais já fica também muito patente ao leitor a disposição falaciosa e interesseira de Raposo que serão suas marcas registradas, especialmente quando, após formado, passa a residir em Lisboa, novamente sob a tutela da Titi. Ele está sempre empenhado em transparecer para a velha, e para os convivas que a cercam, uma atitude inquestionavelmente beata. Porém, vive sob pressão, tendo que inventar as mais capciosas desculpas para manter a vida boêmia experimentada em Coimbra e, ao mesmo tempo, ser “santo”, com um comportamento irrepreensível aos olhos da velha beata,

porque para a tia Patrocínio todas as ações humanas, passadas por fora dos portais das igrejas, consistiam em andar atrás de calças ou andar atrás de saias: - e ambos estes doces impulsos naturais lhe eram igualmente odiosos

(...) a titi entranhara-se, pouco a pouco dum rancor invejoso e amargo a todas as fortunas e a toda graça do amor humano (AR, p. 33-34).

Reparemos nesse trecho uma crítica ao comportamento carola que beira o fanatismo, bem como a uma postura que contraria até mesmo alguns ensinamentos primordiais do Cristianismo, tais como a valorização do amor fraterno entre os seres humanos. De fato, nos relatos que Teodorico faz da rotina e da “atmosfera” da casa de Dona Patrocínio, parece haver a intenção de se demonstrar a contraposição que há entre a crença institucionalizada e a crença natural, espontânea, simples no sobrenatural, muito próximas das contraposições que Antero faz nas “Causas da decadência...” entre os ensinamentos dogmáticos e doutrinários da Igreja Católica e a espontaneidade da fé presente na religiosidade popular das “Igrejas Nacionais”.

São inúmeras reiteraões que expressam a existência de uma disparidade entre o doce Jesus da Galiléia e o Jesus cruel da Titi. Vários trechos semelhantes à citação acima fazem-nos depreender essa analogia, na maioria das vezes construída a partir das práticas religiosas e das concepções “cristãs” peculiares de D. Patrocínio.

A “horrenda senhora”, como Raposo se refere a ela em algumas situações, é ilustrada como aquela que rejeita toda a forma de amor, como a citação acima explicita e como se constata no episódio em que um parente agonizante, com mulher e filhos passando por necessidades, pede-lhe, por intermédio de Teodorico, uma sincera ajuda. A velha responde a Teodorico vociferando contra o semelhante: “(...) Não tivesse comido tudo em relaxações... Cá para mim homem perdido com saias, homem que anda atrás de saias, acabou... Não tem o perdão de Deus, nem tem o meu! Que padeça, que padeça, que também Nosso Senhor Jesus Cristo padeceu!” (AR, p. 26).

Apesar de à primeira vista o leitor captar sempre a ironia grosseira presente na narração em trechos como esses, desde o início há nas memórias de Teodorico a camada mais profunda da narração irônica, aquela não somente com tom de galhofa, mas a de crítica ferina em relação à religião e à vida social. Embutida em sua crítica à beatice da Tia Patrocínio, encontramos elementos que extravasam a sátira. Observemos um trecho no qual o narrador continua falando do comportamento hipócrita e fanático de sua Titi:

E não lhe bastava reprovar o amor como coisa profana: a Sr.^a D. Patrocínio das Neves fazia uma carantonha, e varria-o como coisa suja. Um moço grave, amando seriamente, era para si “uma porcária!”. Quando sabia de uma senhora que tivera um filho, cuspiu para o lado e rosnava – “que nojo”. E quase achava a Natureza obscena por ter criado dois sexos (...) Todas as recreações moças: um passeio gentil com senhoras, em burrinhos; um botão

de rosa orvalhado oferecido na ponta dos dedos; uma decorosa contradança em jucundo dia de Páscoa; outras alegrias, ainda mais cândidas, pareciam à titi perversas, cheias de sujidades, e chamava relaxações (...) Mas era ela própria que sem cessar aludia a desvarios e pecados da carne – para os vituperar, com ódio (AR, p. 34)

A estereotipia que se percebe nas construções de diversas personagens que convivem com Teodorico também é signatária dessa ironia com desejo de crítica profunda, sendo que as metáforas são esclarecedoras para a compreensão das personagens: Dona Patrocínio, por exemplo, é uma “Donzela, e velha, e ressequida como um galho de sarmento (...)” (AR, p. 33), com cheiro acre e adocicado a rapé, capela e formiga (cf. AR, p. 21; 176). Mais à frente na narrativa, Topsisius, o cientista que acompanha Teodorico na Terra Santa, é “uma cegonha risível e cheia de letras, com óculos na ponta do bico” (cf. AR, p. 57), afirmações que remetem caricatural e jocosamente ao conhecimento livresco do amigo, concorrendo para o desejo do narrador em ridicularizar o cientificismo que ele representa.

Os discursos irônicos do protagonista/narrador são significativos para se constatar, sobremaneira, o intuito de Eça em realizar uma crítica ferina àquela micro-sociedade da casa de Dona Patrocínio que, por extensão, engloba toda a sociedade portuguesa do século XIX. É quase impossível para um leitor que conheça a história de Teodorico não remeter à realidade social, política ou religiosa portuguesa daquela conjuntura e que a Geração de 70 desejava questionar. Nas posturas das personagens fica patente a corrupção, a hipocrisia e a falaciosa concepção de virtude que a sociedade possuía, influenciada em muito por uma religiosidade medíocre.

Dessa forma, reafirmo que o tom irônico de Teodorico está muito além do espalhafatoso, encaixa-se na mão dupla da ironia, a face séria entremeia o burlesco e o satírico. Portanto, a leitura de sua histórica deve ser feita com atenção aos pontos “obscuros” dos discursos, aquilo que está na base ou escondido atrás das construções burlescas e espalhafatosas, o lado sério, por assim dizer, da fala satírica do narrador.

O leitor sabe muito bem dos objetivos hipócritas, mas sinceros estabelecidos por ele. A articulação desses objetivos paradoxais e antagônicos pode ser percebida durante toda a narrativa, demonstrada através das críticas e do conformismo hipócrita instituído pelo narrador com relação ao contexto social, fatos que são transparecidos de forma explícita por sua narração. Um exemplo disso são as atitudes que Raposo têm tão logo toma consciência da fortuna que pode herdar da tia rica. Ele usa de todas as artimanhas, mentiras e falsidades para transparecer uma conduta invejável aos olhos da

velha beata, almejando a herança que lhe poderia ser destinada. Quando fica sabendo que a Titi pretendia deixar suas riquezas para a Igreja, Teodorico espontaneamente decide lutar com todas as “armas” para ser melhor que o seu principal concorrente, Jesus:

Eu estava decidido a não deixar ir para Jesus, filho de Maria, a apazível fortuna do comendador G. Godinho. Pois quê? Não bastavam ao Senhor os seus tesouros incontáveis; as sombrias catedrais de mármore, que atulham a terra e a entristecem; as inscrições, os papéis de crédito que a piedade humana constantemente averba em seu nome; as pás de ouro que os Estados, reverentes, lhe depositam aos pés transpassados de pregos; as alfaías, os cálices, os botões de punho de diamantes que ele usa na caminha, na sua igreja da Graça? E ainda voltava, do alto do madeiro, os olhos vorazes para um bule de prata e uns insípidos prédios da Baixa (...) E na sua cruz de pau-preto o Cristo, riquíssimo, maciço, todo de ouro, suando ouro, sangrando ouro, reluzia preciosamente (AR, p. 39; 189)

Nessa passagem percebe-se que a ironia presente transparece não só a personalidade falastrona do narrador, mas uma dura crítica às crenças religiosas, às riquezas que a Igreja possuía e a inconformidade da narração com tudo isso, sem que, contudo, se possa associar essa crítica de Teodorico a um desejo de transformação do contexto em que vive. Afinal de contas, ele também pretende hipocritamente “sair vitorioso” na conquista da herança da Titi e faz tudo o que é necessário para isso.

O leitor também está a par de que logo após esse discurso, todas as atitudes de Raposo estarão orientadas para o fim de obter a herança. São inúmeros os trechos que comprovam a intensificação das práticas religiosas fanáticas, com orações, gemidos e lamentações para impressionar D. Patrocínio. Por diversas vezes, aliás, ele explicita sem pudores, o que realmente desejava para a Titi: “Ai, quando chegaria a hora, doce entre todas, de morrer a titi?” (AR, p. 36). A repulsa com relação à velha e às beatices que tinha de manter para impressioná-la é recorrentemente mencionada:

Ai de mim! Quanto tempo mais teria de rezar com a odiosa velha o fastiento terço, de beijar o pé do Senhor dos Passos, sujo de tanta boca fidalga, de palmilhar novenas, de magoar os joelhos diante do corpo dum Deus magro e cheio de fendas? Oh vida entre todas amargurosa! (AR, p. 51)

A chance de conseguir ser o herdeiro de todas as riquezas da tia torna-se possível quando Teodorico recebe a responsabilidade de ir até a Terra Santa, visitar os lugares sagrados e conseguir uma relíquia para D. Patrocínio, mas não uma relíquia qualquer, segundo ela própria, “uma santa relíquia, uma relíquia milagrosa que eu guarde, com que me fique sempre apegando nas minhas aflições e que cure as minhas doenças” (AR, p. 55). A importância dessa relíquia para a velha é atestada pelo narrador ao descrever a reação de D. Patrocínio quando pronuncia o desejo de tê-la: “E pela primeira vez, depois de cinquenta anos de aridez, uma lágrima breve escorreu no carão da titi, por sob os óculos sombrios” (AR, p. 55).

Embora soubesse que era sempre necessário “dizer que sim à Titi”, a ideia de viajar à Jerusalém não agradou Teodorico de imediato: obter indulgências, trazer relíquias e, quiçá, escrever impressões históricas, não o seduziam. A atitude mudou rapidamente, entretanto, quando ele recordou o exotismo das odaliscas do oriente e da luxuriosa Espanha, por onde poderia passar rumo ao destino. Logo a viagem para a Terra Santa vislumbrou-se como algo muito prazeroso e foi preparada da melhor forma possível: “Caramba, vou fartar o bandulho! (...) tendo comprado um Guia do Oriente e um capacete de cortiça, informei-me do modo mais deleitoso de chegar a Jerusalém” (AR, p. 52;53).

Talvez por conta da já mencionada sinceridade de Teodorico, explicitada em trechos como esse, fica claro ao leitor que mesmo com todas as críticas diretas e indiretas feitas às atitudes da Titi e dos outros que a cercam, Raposo conserva inúmeros resquícios de beatice em sua personalidade, fato que poderia apontar para uma justificação dos interesses hipócritas e sórdidos que não preveem em nenhum momento a mudança da sociedade que se está criticando e sim a manutenção de ações escusas, como herdar bens de maneira falaciosa.

Ainda que tentasse criticar a carolice, ele não deixa de ter certo comportamento carola. O fato é que Teodorico parece não ter consciência dessa sua contradição, tornando-se alvo de suas próprias críticas. Ele recorre às práticas beatas sempre que se encontra em alguma situação periclitante. Quando está decepcionado por ter sido abandonado por uma de suas amadas, Adélia, Teodorico recebe a visita da criada da ex-namorada. A empregada, depois de uma briga com a patroa, dirigiu-se até ele para contar “coisas sórdidas” sobre Adélia e o seu novo amante, por quem Teodorico tinha sido substituído:

Santo Deus! A Mariana era a criada da Adélia. E corri a tremer, certo de que a minha bem-amada ficara sofrendo de sua dor na sua branca ilharga. Pensei mesmo em começar o rosário das dezoito aparições de Nossa Senhora de Lurdes, que a titi considera efficacíssimo em casos de pontada ou de touro tresmalhados... (AR, p. 43)

O sofrimento vivido com a perda de Adélia fez com que o narrador buscasse, de fato, ajuda em suas crenças, bem ao gosto da religiosidade beata em que uma negociação é feita com os santos, os louvores em troca do atendimento ao pedido:

O céu é talvez grato: e esses inumeráveis santos, a quem eu prodigalizara novenas e coroinhas, desejariam talvez recompensar a minha amabilidade, restituindo-me as carícias que me roubara o homem cruel da capa à espanhola. Pus mais flores sobre a cômoda diante de Nossa Senhora do Patrocínio, contei-lhe as angústias do meu coração (...) – Ó minha Senhora do Patrocínio, faz que a Adelinha goste outra vez de mim! (AR, p. 46)

Ainda com relação às crenças beatas, mesmo quando irá cometer um grande pecado - aos olhos da Titi, ao menos -, como manter relações sexuais com amantes, Raposo não consegue esconder sua devoção: “Eu fechei a vidraça: e depois de ir ao corredor fazer às escondidas um rápido sinal da cruz vim desapertar sofregamente, e pela vez derradeira, os atacadores do colete da minha saborosa bem-amada” (AR, p. 63).

Quando já está na Terra Santa, o protagonista tem chance de conhecer o rio Jordão. Sua atitude ao defrontar-se com o rio do primeiro batismo demonstra o quanto Teodorico estava impregnado das atitudes beatas da Titi que, vez ou outra, percebemos em sua postura:

Obedecendo à recomendação da titi, despi-me, e banhei-me nas águas do batista. Ao princípio, enleado de emoção beata, pisei a areia reverentemente como se fosse o tapete dum altar-mor: e de braços cruzados, nú, com a corrente lenta a bater-me os joelhos, pensei em S. Joãozinho, sussurrei um padre-nosso. (AR, p. 88)

É necessário, contudo, fazer uma grande ressalva em certos trechos de *A relíquia* como esse, nos quais temos a ilustração da crença de Teodorico, pois, nesses casos a religiosidade desempenhada pelo protagonista/narrador passa muito mais pela ordem do profano que do sagrado. Possui muito dos elementos da religiosidade popular tão praticada em Portugal, para quem a transcendência exclusivista (a abdicação da matéria) não era tão levada em consideração, importando mais a concepção de que matéria e espírito não são dissociados. (cf. ESPÍRITO SANTO, 1990).

Nesse sentido, em determinada ocasião, quando Teodorico já está a caminho de Jerusalém em busca da relíquia, a narração expõe os acontecimentos ocorridos em Alexandria, Egito. Juntamente com Miss Mary, a principal amante da viagem, e Topsius, eles têm a oportunidade de apreciar a paisagem local. Em uma espécie de “epifania sinestésica”, o protagonista/narrador almeja viver ali naquele lugar ermo e solitário, na natureza absorta, junto com Mary e a fortuna da Titi:

Depois do café fomos encostar-nos na varanda a olhar, aquela suntuosa noite do Egito. As estrelas eram como uma grossa poeirada de luz que o bom Deus levantava lá em cima, passeando sozinho pelas estradas do Céu. O silêncio tinha uma solenidade de sacrário. Nos escuros terraços, embaixo, uma forma branca movendo-se por vezes, de leve, mostrava que outras criaturas estavam ali, como nós, deixando a lama embeber-se mudamente no esplendor sideral: e nesta difusa religiosidade, igual à duma multidão pasmando para os lumes dum altar-mor, eu sentia subir aos lábios, irresistivelmente a doçura de uma ave-maria... Ao longe o mar dormia. E à quente irradiação dos astros, eu podia distinguir, num pontal de areia, mergulhando quase na água, uma casa aberta, pequenina, toda branca e poética entre duas palmeiras (AR, p. 62;63)*

Durante o desfrute da paisagem, Raposão deseja rezar uma Ave-Maria. Essa oração é sincera, não é voltada para nenhuma obrigação e difere do ranço beato apontado nos trechos em que percebemos no narrador uma crença carola. A prece é uma ação de graças à natureza, àquele momento específico que era vivenciado:

Então comecei a pensar que, mal a titi morresse e fosse meu o seu ouro poderia comprar esse doce retiro (...) desagraros ao Sagrado Coração de Jesus ser-me-iam tão indiferentes, como guerras que se entre si travassem os reis. Do céu só me importaria a luz anilada, que banhasse a minha vidraça; da Terra só me importariam as flores abertas no meu jardim, para aromatizar a minha alegria (AR, p. 63)

Ao ler a natureza, os místicos leem Deus. Essa era uma das práticas de alguns místicos, como São Francisco de Assis (1182-1226), por exemplo, e caras ao universo da religiosidade popular. Toda aquela ambientação contribuía para esse desejo de Raposão. Não proponho que Teodorico seja um místico, a maioria de suas atitudes não condiz com isso, porém, esses resquícios de uma crença sincera parecem lembrar

* Uma cena muito parecida com essa se encontra em *O Egito* (1926), obra em que está coligida parte das anotações da viagem que Eça fez ao Egito em 1869, por ocasião da inauguração do canal de Suez. Nessa narrativa o próprio autor deseja ser um camponês à beira do Nilo: “Por vezes sinto o desejo de ficar aqui, ter um búfalo, uma mulher egípcia, descendentes dos velhos donos do solo, e lavar o meu campo de *durah* no meio da serena paisagem do Nilo, entre coisas abundantes e saudáveis e a imensa claridade do horizonte” (QUEIRÓS, Eça de. *O Egito – Notas de viagem*. Porto: Lello e Irmãos, 1946, p. 152).

preceitos da religiosidade popular que preveem a matéria e o espírito mantendo uma relação de complementariedade.

Na contemplação da paisagem de Alexandria temos um dos momentos da narrativa em que aflora a projeção de vida plena longe da ortodoxia religiosa, apontando para o fato de que a religião institucionalizada configura-se como algo inútil, ao mesmo tempo em que há a valorização de uma espiritualidade autêntica, matéria e espírito vinculados, que de certa maneira remetem à noção de transcendência na imanência.

Pode se supor, na narração de situações como essas, uma espécie de tensão na constituição da personagem Teodorico. Raposão mantém práticas que não condizem com o pensamento crítico que expressa e que não são hipócritas. É mais uma oscilação que não podemos deixar de mencionar na caracterização dessa personagem/narrador. São também discursos sinceros por parte do narrador, como os expostos na citação, que são aproveitados para o aprofundamento da crítica que ultrapassa o mero anticlericalismo. Para comprovar isso, cito a continuação dos relatos sobre a paisagem da Terra Santa, agora com o turno da fala dado a Topsius, com o claro intuito de, com o olhar científico, termos expostos questionamentos voltados ao caráter de Deus - lembrando um pouco a forma como o criador será retomado em obras contemporâneas, como na produção de José Saramago (1922-2010), por exemplo. Vejamos o episódio em que o cientista alemão e Teodorico estão observando as planícies de Canaã. Teodorico questiona como tudo estava desolado se, outrora, conforme o historiador havia lhe dito, naquele lugar prosperavam cidades e verdes vales. Topsius “sorrindo com infinito sarcasmo” menciona: “- um dia o Altíssimo aborreceu-se e arrasou tudo!” ao que Teodorico pergunta “Mas por quê? por quê?” e Topsius categórico expõe “- Birra; mau humor; ferocidade...” (AR, p. 85).

Quando adentra o espaço do sonho, no longo terceiro capítulo, o “Evangelista Teodorico”, com as mesmas características ambíguas, questionáveis, mas não menos irônicas e críticas, empreende o relato dos últimos momentos de Jesus Cristo sob sua ótica. Como não é meu intuito aqui me aprofundar nesse trecho, cabe apenas dizer que de seu “evangelho” avultam um Jesus sem quase nada de excepcional e uma banalidade para a face miraculosa do Cristo, das escrituras e das figuras bíblicas de um modo geral.

Ao concluir a leitura do relato de Teodorico sobre a Paixão tem-se a clara impressão de que a narração propõe que Jesus teria morrido não por causas miraculosas, mas porque ousara contrariar a estrutura social e institucional de sua época. Assim, ao se retomar todas as críticas feitas à Igreja e à religiosidade nos dois primeiros capítulos

de *A relíquia*, pode-se depreender que a intenção de Eça, por analogia, é retratar a Igreja Oitocentista como traidora de seu próprio fundador ao se transformar numa instituição que determinava em detalhes a conduta de seus fiéis, tornando-se intolerante, fanática e instrumento de repressão, perfazendo, por fim, o que Antero quis ilustrar sobre a Igreja Católica nas “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos”.

Nos momentos que seguem após o sonho e antes da viagem da volta de Teodorico para Portugal, percebe-se a continuação da crítica anticlerical e antirreligiosa, agora nos relatos de um narrador que está muitíssimo preocupado com seu futuro como herdeiro de D. Patrocínio das Neves. Todas as suas ações voltaram-se para o preparo da suposta relíquia, uma fajuta coroa de espinhos que teria pertencido a Cristo, além de outras “relíquias menores” que serviriam para mais impressionar a beata. Raposo já sonhava com o momento em que seria recebido “pela velha babosa” e fantasiava o que faria com a fortuna tão logo a tia morresse:

Que faria eu, na minha casa em Sant’ana, apenas levassem a fétida velha, amortalhada num hábito de Nossa Senhora? Uma alta justiça: correr ao oratório, apagar as luzes, desfolhar os ramos, abandonar os santos à escuridão e ao bolor! Sim, todo eu, Raposo e liberal, necessitava a desforra de me ter prostrado diante das suas figuras pintadas como um sórdido sacrista, de me ter recomendado à sua influência de calendário, como um escravo crédulo! Eu servia os santos para servir a titi. Mas agora, infável deleite, ela na sua cova apodrecia: naqueles olhos, onde nunca escorrera uma lágrima caridosa, fervilhavam os vermes: sob aqueles beijos desfeitos em lodo, surgiam, enfim, sorrindo, os seus enormes dentes furados que jamais tinham sorrido... Os contos de G. Godinho eram meus; e libertado da ascorosa senhora, eu já não devia aos seus santos nem rezas, nem rosas! Depois, cumprida esta obra de justiça filosófica, corria à Paris, às mulherinhas! (AR, p. 167)

Temos nessa citação o exemplo claro de que Teodorico foi fiel até o fim ao empreendimento proposto na introdução das suas memórias, quando expõe que sabe o que a Burguesia Liberal esperava de um homem. Ambicionar destruir os objetos de devoção é uma forma de renunciar o que Topsius propôs sobre ele na obra “JERUSALÉM PASSEADA E COMENTADA” e, concomitantemente, traçar uma imagem de homem liberal. Por outro lado, temos nesse sentido uma crítica velada à classe burguesa, pois se para agradá-la Teodorico revela seus traços questionáveis de personalidade, evidentemente tal classe apreciaria esse tipo de comportamento.

Porém, os intentos e sonhos de Teodorico não se concretizam. Após o retorno da Terra Santa, ele regressa a Lisboa com a certeza de que conseguiria a herança de Dona Patrocínio, mas, por um equívoco ocorrido no momento do retorno, Raposo acaba por doar a uma pedinte o embrulho da relíquia falaciosa e, diante do oratório da

Titi, com todos os convivas a esperar, entrega à velha um outro embrulho, o presente que sua amante, Miss Mary, tinha lhe dado como recordação dos tempos passados em Alexandria. O pacote continha a camisinha da moça com a insinuante inscrição: “Ao meu Teodorico, meu portuguesinho possante, em lembrança do muito que gozamos” (AR, p. 191).

Após o acontecimento, temos Teodorico execrado e vendendo relíquias pelas ruas de Lisboa. Nas peripécias de Raposão como vendedor de relíquias sobreleva na narrativa uma crítica mordaz ao comércio, às mentiras e hipocrisias que vigoravam nas Igrejas e que eram práticas incentivadas por alguns clérigos. É quando está na decadência desse ofício que o protagonista/narrador fica sabendo da morte da tia e que ela havia lhe deixado como herança apenas “o óculo que se acha pendurado na sala de jantar” (AR, p. 198). O ódio pela velha não podia ser maior, D. Patrocínio deixara o óculo, como ele mesmo reconhece, “para eu poder ver através dele o resto da herança” (AR, p. 199) que fora deixada para os prelados e para a Igreja.

O ocorrido faz com que Raposão passe a realizar uma autoanálise sobre a postura beata que exercia para agradar a tia e, diante da imagem de um Cristo Crucificado, que havia no quarto da pensão da Travessa da Palha, onde morava, principia a acusar “Jesus” por todos os fracassos que vivera, especialmente pela troca dos embrulhos que, caso não ocorresse, poderia ter lhe feito rico. Em mais um momento em que a fantasia se instala no texto, o Cristo sai da cruz e responde as acusações do narrador, revelando que todas as devoções praticadas por Teodorico não passavam de crença hipócrita, sem humildade e desinteresse.

Os discursos do Cristo sugerem o reconhecimento de que na relação do homem com o divino são as ações do próprio ser humano, da própria consciência, que devem orientar as ações e a vivência em sociedade, não necessitando de uma entidade sobrenatural e muito menos de regras ortodoxas orientadas por Instituições religiosas. Dessa forma, caso Deus existisse, seriam pelas atitudes práticas e não tanto de contemplações por parte dos seres humanos, que ele reconheceria determinada vivência como exemplar ou não. Tratam-se novamente de apologias feitas a uma concepção de religiosidade que extravasa uma simples crítica ao clero.

Se avaliarmos bem, somente pelas proposições feitas pela imagem de Jesus nesses trechos finais da narração de Teodorico, temos heresias que seriam suficientes para o clero contestar *A relíquia*, sem ter de considerar o famigerado terceiro capítulo.

Essas revelações do “Cristo da Travessa da Palha” parecem funcionar momentaneamente para Teodorico como “iluminações”. Ao menos em alguns acontecimentos posteriores à visão, ele consegue manter-se afastado da hipocrisia. Como propõe CARVALHO (1995):

(...) Teodorico é purgado de tudo aquilo que, nele, era construção da civilização, de todas as idéias pré-concebidas que impedem uma visão mais objetiva e imparcial. Não tem mais verdades absolutas. Assim ele poderá avaliar os vários reflexos da realidade que verá (CARVALHO: 1995, p. 39)

Desvalido, o narrador/protagonista conta que por casualidade tivera um encontro com seu velho amigo de colégio, o Crispim*, que agora era dono de uma empresa. Com franqueza, relata para o amigo todas as suas intempéries e como chegou até aquela situação com as “botas cambadas” (AR, p. 204), ou seja, pobre.

Compadecido, o amigo lhe arranja um emprego na sua firma “Crispim & Cia”. Tão logo começa a trabalhar, Teodorico descobre que sua função era desempenhada anteriormente por um empregado que havia sido despedido, justamente por causa de escritos que contestavam a Igreja. Para manter o trabalho e, ainda mais, demonstrar ao Crispim sua crença inquestionável, Raposão pensa em inventar que diariamente freqüentava missas, entretanto, ele relembra da visão que tivera:

Mas lembrei a Voz austera da Travessa da Palha! Recalquei a mentira beata que já me sujava os lábios – e disse, muito pálido e muito firme: - Olha Crispim, eu nunca vou à missa... tudo isso são patranhas... Eu não posso acreditar que o corpo de Deus esteja todos os domingos num pedaço de hóstia feita de farinha. Deus não tem corpo, nunca teve... Tudo isso são idolatrias, são carolices... Digo-te isso rasgadamente... Podes fazer agora comigo o que quiseres, Paciência! (AR, p. 204)

A sinceridade do amigo agradou ao Crispim que insistiu para que Teodorico conhecesse sua irmã D. Jesuína que “tinha trinta e dois anos e era zarolha” (AR, p. 205). Na verdade, Crispim desejava um casamento entre os dois. Por mais uma vez a voz da consciência ressoou e Raposão fugiu da hipocrisia:

Ora diga lá o Sr. Raposo. Há aí dentro desse peito amor verdadeiro à mana Jesuína? Crispim & Cia. admirava a paixão e o ideal. Eu já ia dizer que

* Essa personagem figura também no início da narrativa. Teodorico o conhece quando vai estudar no Colégio dos Isidoros e Crispim é ilustrado com inegáveis trejeitos efeminados. O relacionamento que Teodorico manterá com Crispim, quando criança, abre possibilidade de se questionar certo comportamento homoerótico da personagem. O homoerotismo na obra de Eça de Queirós foi estudado por Osmar Pereira Oliva em sua tese de doutorado intitulada *O corpo e a voz - Inscrições do masculino na ficção queirosiana*, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais em 2002.

adorava a Sr.^a D. Jesuína como a uma estrela remota... Mas recordei a Voz ativa e pura da Travessa da palha! Recalquei a mentira sentimental que já me enlanguescia o lábio – e disse corajosamente: - Amor, amor, não...Mas acho-a um belo mulherão: gosto-lhe muito do dote; e havia de ser bom marido. (AR, p. 205)

Embora o casamento tenha sido aceito por interesse, não podemos negar que Raposão foi sincero com Crispim. A partir do acordo de casamento, a voz do narrador retorna ao tempo presente. Teodorico relata que já está casado, tem filhos e um bom posicionamento social.

Tudo aponta, portanto, para o fato de que após a experiência com o Cristo na pensão da Travessa da Palha, o narrador tenha se arrependido e de fato uma mudança sincera tenha ocorrido em seu caráter, todavia, tudo não passa de impressão momentânea. Quando ainda está falando sobre a sua atual situação, ele relembra do episódio da relíquia e é a partir dessas memorações que o leitor percebe que a inutilidade da hipocrisia fora acatada por Raposão somente nas circunstâncias posteriores à visão:

Sim! quando em vez duma coroa de martírio aparecera, sobre o altar da titi, uma camisa de pecado – eu devia ter gritado, com segurança: “Eis aí a relíquia! Quis fazer a surpresa... Não é a coroa de espinhos. É melhor! É a camisa de Santa Maria Madalena!... Deu-ma ela no deserto...” (...) A tia Patrocínio cairia sobre o meu peito, chamando-me “seu filho e seu herdeiro”. E eis-me rico! Eis-me beatificado! O meu retrato seria pendurado na sacristia da Sé. O Papa enviar-me-ia uma benção apostólica, pelos fios do telégrafo (...) E tudo isto perdera! Por quê? Porque houve um momento em que me faltou esse *descarado heroísmo de afirmar*, que batendo na terra com pé forte, ou palidamente elevando os olhos ao Céu – cria, através da universal ilusão, ciência e religiões (AR, p. 208, *itálico do autor*)

A moral de Teodorico não poderia ser mais cínica, quando o leitor pensa que de fato ele se arrependeu de seu comportamento hipócrita, perfazendo aquilo que ele havia anunciado na introdução de suas memórias; “(...) depois voltei – e **uma grande mudança** se fez nos meus bens e **na minha moral**” (AR, p. 11) (grifo meu), o desfecho de seus relatos revela que não.

Dessa forma, até mesmo a última aparição de Cristo em *A relíquia*, inusitada de antemão, confirma o processo de dessacralização que Jesus vinha sofrendo na obra, principalmente no terceiro capítulo. As palavras proferidas por ele acerca da inutilidade da hipocrisia, como se fosse uma lição moral, não significaram nada para Teodorico no sentido de uma mudança prática de comportamento. A mensagem que transparece é a de por mais que se ouça a voz da consciência, a voz dos interesses vários falará mais alto.

Eça, de maneira crítica, contrapõe ao universo da religião e também ao universo da ciência, um universo de incertezas, que contesta a existência de verdades absolutas. Por mais que se busque a verdade, ela será sempre relativa frente as exigências da sociedade burguesa.

Tipos como Teodorico, aplicadores de golpes e que no final das contas, não obstante uma grande lástima, conseguem terminar bem, apareciam com certeza nos jornais daquela época como aparecem hoje nos noticiários.

Mesmo findando seu relato com a resignação de não ter conseguido ser mais hipócrita, a totalidade dos discursos de Teodorico Raposo inegavelmente expõe o que temos pretendido demonstrar desde o início deste texto: apesar de toda a sinceridade “hipócrita” do protagonista/narrador temos em meio à galhofa, à esperteza e ao caráter duvidoso, uma crítica contundente à Instituição religiosa e a sociedade portuguesa Oitocentista. E, para além disso, temos também a apologia a elementos concernentes à religiosidade popular que explicitam uma maneira diferenciada de se compreender a crença religiosa e a transcendência.

Em meu ponto de vista, a análise acurada dos temas religiosos em *A relíquia* possibilita o reconhecimento de um Eça de Queirós que poderíamos considerar como “intermediário” quando pensamos na obra completa do autor, pois as memórias de Teodorico Raposo conservam, continuam e prolongam a mesma crítica anticlerical deflagrada em *O crime do Padre Amaro* (1871), bem como apontam para o enaltecimento de práticas e crenças religiosas fora do campo ortodoxo e institucional, proposição que podemos perceber em obras como *Vidas dos santos* (1890? – 1897), e que ressalte-se, é uma característica ainda muita próxima dos ideais da Geração de 70, como a leitura das *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos* pode comprovar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERRINI, Beatriz. *Brasil e Portugal: A geração de 70*. Porto: Editora Campo das Letras, 2003.
- BUENO, Aparecida de Fátima. *As Imagens de Cristo nas obras de Eça de Queiroz*. Tese de Doutorado. IEL, UNICAMP: Campinas, 2000.

CARVALHO, Maria Tereza. *Literatura e Religião: Três momentos de aproveitamento do Novo Testamento na literatura portuguesa*. Dissertação de Mestrado. IEL, UNICAMP, 1995.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.

MÓNICA, Maria Filomena. *Eça de Queirós*. 4ª ed. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.

NERY, Antonio Augusto. *A hipocrisia religiosa como alvo: características do anticlericalismo presente em "A relíquia" de Eça de Queirós*. In: CD-ROM: Anais do XVII Seminário do CELLIP - Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná. Guarapuava. Editora da UNICENTRO, 2005a, p. 01-08.

_____. *Santidade e humanidade: aspectos da temática religiosa em obras de Eça de Queirós*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPR, 2005b.

QUADROS, Antonio. *A ideia de Portugal na literatura portuguesa nos últimos 100 anos*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1989.

QUEIRÓS, Eça de. *A relíquia*. Porto: Lello e Irmãos, 1976.

_____. *O Egito – Notas de viagem*. Porto: Lello e Irmãos, 1946.

_____. *Notas contemporâneas*. Porto: Lello e Irmãos, 1945.

QUENTAL, Antero de. Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos. *Prosas Escolhidas* (org. por Fidelino Figueiredo). Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942, p. 95-142.

SERRÃO, Joel. *Portugueses Somos*. Lisboa: Livros Horizontes, s.d.

Recebido em: 15.03.2013

Aceito para publicação em: 24.05.2013